



A TEORIA DO CONSUMO: MICROFUNDAMENTOS E DETERMINANTES UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – INSTITUTO DE ECONOMIA (IE-UNICAMP)

Daniilo Sartorello Spinola, Antonio Carlos Macedo e Silva
danilospin@hotmail.com, macedo@eco.unicamp.br
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq
Palavras-Chave: Macroeconomia, Consumo, História Econômica.

IE Instituto de
Economia

RESUMO

Esta iniciação propôs uma investigação introdutória dentro da perspectiva da história do pensamento econômico, acerca de alguns dos debates que permearam os micro-fundamentos do conceito macroeconômico "consumo agregado". Tal investigação foi baseada em um levantamento bibliográfico pautado por textos de alguns dos mais importantes autores que discutiram a questão do consumo e de manuais de macroeconomia utilizados como apoio à leitura. O recorte temporal utilizado se iniciou a partir do "nascimento da macroeconomia" na teoria geral de Keynes (1936), passando pela abordagem da Síntese Neoclássica e pela crítica monetarista em meados da década de 1960.

INTRODUÇÃO

A publicação da obra "*The General Theory of Employment, Interest and money*" de John Maynard Keynes foi um marco na história do pensamento econômico. Numa época em que a economia dos países centrais passava por uma grave depressão, a teoria e o debate econômico passaram a observar o surgimento de conceitos até antes ignorados pela teoria econômica neoclássica, como o conceito de insuficiência de demanda agregada e de desemprego involuntário.

O período em que a obra de Keynes (1936) foi publicada era marcado pela necessidade da intervenção governamental com políticas anticíclicas, geradas via grandes investimentos públicos. Tais gastos eram necessários para manter o nível de demanda agregada, com vista a conter a expansão do desemprego e retomar o crescimento econômico. Assim, as mudanças políticas que ocorreram após a grande depressão e principalmente no pós-guerra modificaram profundamente a teoria econômica *mainstream*, até então dominada pelo não-intervencionismo dos autores neoclássicos.

Nesse sentido, a partir de Keynes e da Teoria Geral, pode ser afirmado que há a fundação de uma "Macroeconomia" original, como uma disciplina cujo objetivo é a compreensão do comportamento da economia como um todo com base no estudo agregado dos agentes - consumidores, empresas, governo - dentro de um sistema econômico delimitado por um território e um sistema político.

A difusão da Macroeconomia foi grandemente realizada pelos autores herdeiros de Keynes, que buscaram conciliá-lo com os pressupostos neoclássico, chamados autores da corrente de pensamento conhecida como Síntese Neoclássica. Entre seus principais expoentes, contam-se John Hicks (criador do modelo IS-LM), Franco Modigliani e Paul Samuelson. Tal corrente de pensamento colocou o keynesianismo no centro do debate no *mainstream economics* durante as décadas de 40 e 50 - período politicamente marcado por elevado intervencionismo governamental nas economias centrais.

O keynesianismo da Síntese Neoclássica foi a principal corrente de pensamento na Macroeconomia por duas décadas. Entretanto, após as duas décadas de elevado crescimento econômico do período de Bretton Woods, as economias centrais passam a enfrentar um período de maior dificuldade, com aceleração da inflação e redução do crescimento. Vozes antiintervencionistas passam a ganhar destaque no debate econômico da década de 1960. Nesse contexto surge com grande força a crítica mais radical da direita ultraliberal. A mais importante crítica foi a monetarista, cujo principal expoente foi Milton Friedman.

PESQUISA

Os debates acerca da variável consumo focam fundamentalmente nas questões da sensibilidade dessa variável a variações da renda corrente e da renda ampliada, além das expectativas dos agentes com relação a variações do ponto de vista quantitativo e qualitativo na renda futura. Diferentes correntes teóricas estabeleceram ricos debates desde a formação da disciplina macroeconômica discutindo as relações consumo x renda x expectativas. Essas discussões levam até a atual teoria moderna do consumo, que mescla elementos das teorias observadas, visando uma determinação consistente do *Mainstream Economics* ao tema do consumo.

Em suma, a teoria macroeconômica do consumo se iniciou com Keynes, que destacava a complexidade dessa variável. No curto prazo, o comportamento do consumo foi definido como igual a uma proporção entre a renda corrente pessoal disponível e a propensão marginal a consumir mais um consumo autônomo. Esse modelo de curto prazo foi tomado pelos seguidores de Keynes da Síntese Neoclássica como o modelo de consumo keynesiano por excelência.

As evidências empíricas, entretanto, passaram a questionar a base teórica do modelo keynesiano, principalmente com relação ao argumento de que a propensão marginal a consumir de um país progressivamente se elevaria com o aumento da renda desse país. O *Puzzle de Kuznets* foi um trabalho empírico de grande relevância que levou à busca de novas formas de pensar a função consumo.

Os economistas do *mainstream* chegaram a um consenso de que seria necessário adicionar novos elementos à compreensão das motivações que levam os agentes a consumir. Assim, a questão das expectativas foi adicionada à teoria do consumo. Surge então os importantes trabalhos de Franco Modigliani com a *Teoria do Ciclo de Vida* e de Milton Friedman com a *Teoria da Renda Permanente*.

A Teoria do ciclo de vida considera que os agentes, ao tomar decisões de consumo, o fazem levando em consideração sua renda esperada para toda a vida, levando a um modelo em que o trabalhador poupa, para que o jovem e o idoso despoupem, ocasionando dessa forma que o consumo seja relativamente estável durante toda a vida. Já a teoria da Renda Permanente, de Milton Friedman, relativamente similar à teoria do ciclo de vida, leva em conta que para determinação do consumo, os agentes devem levar em conta se as variações que sofrem na sua renda corrente e na sua expectativa de renda futura são de caráter temporário ou permanente. Uma renda permanente levaria ao aumento do consumo, enquanto uma renda interpretada como temporária ocasionaria a manutenção do nível de consumo e um aumento no nível de poupança.

A interpretação do tipo de variação na renda na *Teoria da Renda Permanente* é realizada através de expectativas. Assim, Friedman destaca que os agentes formariam suas expectativas através da *Hipótese das Expectativas Adaptativas*. Nesta, os agentes interpretariam as variações de renda baseados na sua renda passada e nas informações atuais disponíveis.

Entretanto, insatisfeitos com a *Hipótese das Expectativas Adaptativas*, diversos economistas passaram a criticar a falta de fundamentos microeconômicos e a inconsistência teórica dessa hipótese. A corrente de economistas Novos Clássicos então propõe a *Hipótese das Expectativas Racionais*, determinando uma forma que de acordo com esses economistas seria consistente aos fundamentos teóricos microeconômicos para formação de expectativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLANCHARD, O. & FISHER, S. (1989) "Lectures on Macroeconomics" Massachusetts Institute of Technology
DEATON, (1992) "Understanding Consumption" Oxford University Press: Oxford.
FERRARI, Fernando (1996) "Keynesians, Monetarists, New Classical and New Keynesians: A Post Keynesian Critique" In: Análise Econômica n. 25. Ed. UFRGS
FRIEDMAN, M. (1957) "A Theory of the Consumption Function". Princeton University Press, Princeton, N. J.
FROYEN, R. (1999) "Macroeconomia" São Paulo: Saraiva
KEYNES, J. M. (1937) "The General Theory of Employment, Interest and money." Macmillan. London (Edição original 1936)
MODIGLIANI, F. (1986) "Life Cycle, Individual Thrift, and the Wealth of Nations." American Economic Review, vol. , n3 3, junho.
SACHS, J. & LARRAIN, F. (1995) Macroeconomia. Macron Books. São Paulo
SNOWDON, B & VANE, H. (2005) Modern Macroeconomics: Its Origins, Development and Current State, Edward Elgar Publishing Limited, UK